

# ENTREVISTA



ENTREVISTA<sup>1</sup> com o economista e professor doutor Luiz Gonzaga Belluzzo, presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras (biênio 2009/2010)<sup>2</sup> realizada em 22/09/2009 no Departamento de História - FFLCH/USP.

***Poderíamos começar a conversa lembrando um pouco sua formação acadêmica.***

Estudei Direito e Ciências Sociais nos anos 1960 aqui na USP, justamente entre o fim do regime democrático e o começo da ditadura. Tenho uma ligação afetiva muito grande com essa universidade, já que também sou filho dela. Em seguida fiz minha pós-graduação na Cepal (Comissão Econômica para a América Latina) e me doutorei pela Unicamp em 1975. Depois me tornei professor da Unicamp, que nasceu das entranhas da USP. Trabalhei lá quarenta anos como professor de Economia, me tornei professor titular em 1986 e hoje estou aposentado.

***Então é possível dizer que conviveu com duas academias nos anos 1960: a universidade e como torcedor do Palmeiras, cujo elenco à época ficou conhecido assim e posteriormente mitificado como “academia”. Como era essa convivência?***

É estranho isso tudo, pois na universidade a gente privilegia o comportamento racional e menos o emocional. E eu tendo mais a agir racionalmente, pois fui formado assim na universidade. Já o torcedor age somente pela emoção e essa atitude geralmente tende à mitificação. Então, tendo a ser muito crítico em relação a esse tipo de mitificação das pessoas. Eu me sinto mal. E acho que isso é perigoso, não é bom. O primeiro texto que eu escrevi na *Carta Capital* depois que fui eleito presidente foi exatamente para dizer isso. Eu até contei um fato curioso: um dia estava lá na Academia do Palmeiras e chegou a bisneta do Zeferino Vaz, que foi reitor na Unicamp. Eu tinha uma admiração profunda por ele em razão de sua defesa da universidade exatamente no período duro da repressão. E ela foi me pedir um autógrafo e na hora pensei que eu devia pedir autógrafo a ela em homenagem ao bisavô.

---

<sup>1</sup> A entrevista fazia parte das atividades da disciplina História Sociocultural do Futebol oferecida pelo professor doutor Flávio de Campos e cadastrada no Programa de Pós-Graduação em História Social - FFLCH/USP. Além dos alunos regulares, participaram professores e outros interessados.

<sup>2</sup> Transcrição de Roverta Julien Miranda. Organização e edição do prof. dr. José Geraldo Vinci de Moraes.

***Essa irracionalidade da relação da torcida com o clube nunca é simples e fácil de ser compreendida e, sobretudo, administrada. Geralmente os presidentes dos times também revelam esse lado emocional de maneira muito evidente e às vezes com aspereza.***

Essa não é uma relação fácil e ainda não é muito clara pra mim. É muito difícil equilibrar esses dois universos. Em primeiro lugar, pela questão óbvia de que eu não seria presidente do Palmeiras se não fosse seu torcedor que acompanha o time há muitos anos. E como torcedor tomo atitudes – como pressionar árbitros – ou dou declarações inconvenientes que escapam no calor da hora no vestiário após uma derrota. É uma coisa imprópria para um presidente de clube. Veja só que curioso esse fato que revela a dificuldade dessas relações. Outro dia estava assistindo o jogo ao lado de uma pessoa muito importante e equilibrada que, insatisfeita com o juiz da partida, me falou assim: “esse cara está roubando o time. Por que você não desce lá, vai lá ao banco?”. Ele queria que eu fosse pressionar o juiz. Não pode. Mas temos que entender essa ambiguidade que é constitutiva dessa situação. E eu tenho que reconhecer que vivo nessa ambiguidade e que muitas vezes se faz bobagem por causa dela.

***Essa relação com o torcedor interno sempre é incontornável e inevitável, independente das nossas posições no clube?***

Às vezes ela é completamente incontornável, mas não é saudável. Ela impede que as pessoas percebam quais são as relações de causa e efeito, de determinação, que existem entre uma boa gestão e um clube ser ou não campeão, que é uma contingência do esporte e do jogo. É possível fazer uma gestão muito boa e o clube não ser campeão porque os outros times também disputam o campeonato. Falamos de irracionalidade, mas acho que esse é um termo que não se aplica; prefiro pensar em grande tensão emotiva. Eu não conheço coisa mais difícil do que ser presidente de um clube de futebol. Realmente é muito difícil, porque se lida com essa relação que tem uma intensidade emotiva rara em outros setores da vida.

***Como estamos abordando a irracionalidade ou tratando das tensões emocionais da condição torcedora, inevitável não falarmos um pouco do papel das “torcidas organizadas”.***

A torcida organizada é outra questão. A torcida organizada é um fenômeno muito mais complicado. Porque ele se dá no futebol, mas a raiz não está no futebol. Eu fiz o curso de Sociologia há muito tempo, mas ainda leio algumas coisas para entender isso tudo. Creio que o clube serve apenas como catalisador de outras questões identitárias e de autoafirmação. Numa sociedade de indivíduos como a contemporânea os nexos afetivos e comunitários que persistem são poucos ou

estão dilacerados. Então, eles encontram na torcida essas relações afetivas e de identidade. É curioso, mas eles se chamam de família, p.ex.. Porém, esse fenômeno tem duas faces. Tem a acolhedora e comunitária, mas tem a agressividade do grupo e a força e indefinição da massa. Creio que é um problema da forma de se relacionar na sociedade contemporânea que vai muito além do futebol. E precisamos pensar seriamente nisso, pois se deixar para a mídia, tudo fica muito simplificado.

***Bom, de qualquer modo é preciso compatibilizar esse universo emocional extremado individual e em grupo com o ambiente interno do associado que não é necessariamente um torcedor e muito menos fanático. É um grupo composto por famílias que privilegia a vida social do clube. São dois universos diferentes e anseios independentes.***

Muito bem colocado! São duas lógicas completamente diferentes. É difícil compatibilizar, mas estou tentando. Temos tentado desenvolver esportes amadores, por exemplo. Fizemos uma associação com a Lupo de Araraquara para apoiar o basquete. Vamos voltar com o vôlei, apoiar o tênis, o boxe. O futebol de salão sempre foi forte no clube. Mas o esporte amador precisa de patrocinador para sobreviver.

***Mas tem o associado que pratica esporte sem necessariamente manter vínculo com as equipes amadoras representantes do clube: quer simplesmente frequentar o clube e praticar esporte. Essa é uma peculiaridade bem brasileira: o time de futebol que é ao mesmo tempo um clube social e poliesportivo.***

Pois é, tem isso também. Essa é uma característica nossa: os clubes de futebol são também clubes sociais. E, como eu disse, são lógicas incompatíveis. Os grandes clubes europeus não são assim. Aqui temos que cuidar das duas coisas, mas o clube social é deficitário. Quem financia o clube social é o futebol: é assim no Palmeiras e nos outros clubes também. Este associado paga uma mensalidade muito barata, menor até que uma academia de ginástica. Só que a academia do Palmeiras tem equipamentos, e eu não estou exagerando, de 1940. Estamos tentando um convênio com uma dessas empresas do ramo para qualificar nossa academia. Porque não se pode descuidar do sócio. O sócio está lá e tem que ter direito a um serviço decente. E esse associado tem certa presença política.

***Mas não é uma presença política apenas delegada, pois geralmente elegem apenas os conselheiros que elegem o presidente?***

De fato! Eu gostaria de ampliar o colégio eleitoral que elege o presidente do conselho para os sócios. Por que eu quero fazer isso? Num colégio eleitoral maior, a possibilidade de fazer conluíus diminui e dificulta a permanência dos currais. O colégio eleitoral, sendo maior, a capacidade de expressão da vontade dos associados fica mais clara. Quanto maior o colégio eleitoral, melhor. Acho mais justo e mais democrático, mesmo correndo o risco de ter sócio, torcedor de outro time, votando. Outros clubes fizeram isso. Mas depende de reforma estatutária.

***Então, trata-se apenas de ampliar o espaço democrático transferindo a eleição dos conselhos deliberativos para um conjunto maior de associados ou existem outras formas de assegurar a renovação no poder?***

Tem vários modelos, como o do clube associativo ou do clube-empresa. A tradição dos clubes brasileiros, como já salientamos, é associativa. E para o clube associativo funcionar tem que ampliar o espaço de deliberação democrática. Não que seja uma panaceia, mas melhora muito. Ampliando o colégio eleitoral reduz-se bastante o risco de uma articulação espúria que é muito frequente. Alguns clubes já têm a figura do sócio torcedor com direito a voto. Mas quantas centenas de milhares de torcedores de um time existem e quantos são os sócios que têm direito a voto que decidem os destinos do clube e conseqüentemente do time? É uma contradição que tem que ser resolvida e trabalhada. Temos que ampliar as experiências nessa direção, mesmo que ocorram algumas besteiras e erros. E a profissionalização da direção e separação do clube do time de futebol vai ajudar muito também.

***Além de conviver com todas essas realidades antitéticas, é preciso enfrentar a vida administrativa do clube e de time grande que exige experiência e racionalidade.***

E nesse aspecto tem resistência enorme porque o lado do torcedor e os interesses políticos internos falam alto. É preciso adotar procedimentos administrativos mais compatíveis com um clube que fatura cento e sessenta milhões de reais por ano. É muito dinheiro e faz do clube uma empresa de médio para grande porte. E não é mais possível administrá-la como há trinta anos, quando o Palmeiras era ainda a academia a que nos referimos no início. Era diferente: não tinha tanto dinheiro, era um futebol muito mais barato e doméstico. O valor dos passes e salários não era puxado pelo mercado internacional. Essa situação toda mudou muito na passagem das décadas 1980/90. Naquela época, observe-se, o Brasil tinha um câmbio valorizado. Isso facilitou aproximar os salários daqui com os do exterior. Então, para trazer essa racionalidade formada na universidade, contratei

a Fundação Getúlio Vargas para fazer um diagnóstico e programar uma reforma administrativa. Mas é uma batalha; há muita incompreensão interna e resistência em profissionalizar o clube.

***A profissionalização administrativa da direção do time é a alternativa?***

Os diretores continuam amadores, não podem se dedicar ao clube integralmente, pois não ganham para isso. Eu mesmo sou amador, mas tenho tempo porque sou aposentado e, graças a Deus, a universidade paga uma aposentadoria razoável aos seus professores titulares. Mas trata-se de uma empresa-clube grande que exige essa concentração: não dá para aparecer só meio período e apenas alguns dias da semana. Tem que profissionalizar: os diretores financeiro, de marketing e administrativo têm que ser profissionais e bem pagos. Enquanto permanecer um esporte tão apaixonante, o futebol vale a pena do ponto de vista econômico. Ninguém quer investir pesadamente no campeonato de críquete. O futebol é uma coisa sensacional: está na mídia, na televisão. Todo mundo quer comprar o futebol. Então, tem que profissionalizar e administrar bem, para fazer o faturamento aumentar cada vez mais e montar bons times. Mas há o conflito entre as velhas práticas e as novas, e que mexe também no jogo político interno dos clubes. Mas é preciso romper, às vezes, com certas coisas e práticas: não tem jeito. E isso implica arriscar até a não ser reeleito. Mas depois que transforma e muda, é muito difícil voltar atrás. Então alguém tem que fazer essa aposta.

***Então a separação e a autonomia do time de futebol em relação ao clube social/poliesportivo seriam a principal alternativa política e administrativa modernizadora?***

Interessante tratar disso aqui com vocês que são historiadores. Outro dia estava em uma palestra do Fernando Novais que discutia sobre historiografia. Aliás, fui aluno dele no curso de História Econômica na Faculdade de Filosofia. Ele dizia que a herança, o peso da história, é grande na formação do imaginário social. Então transportei aquilo para o futebol: as pessoas que vivem o futebol pensam tradicionalmente o clube deste modo. Essa é uma tradição difícil de romper e separar. O ideal nesse momento seria, como já disse, separar o clube do futebol. Porque o futebol tem outra lógica, muito mais ligada ao mercado e que muda muito rapidamente. Então, é preciso ter instrumentos e capacidade de decisão mais rápida e os clubes têm tradicionalmente todas aquelas instâncias que são relativas à sua vida social. Na verdade, o clube de futebol deveria ter executivos com mandatos e que pudessem ser destituídos também. Um executivo como

outro qualquer. Sem eliminar o presidente, porque aqui a tradição impede isso. O presidente seria uma figura mais simbólica e os executivos é que tratariam dos negócios da empresa. Creio que assim é possível viver com todas essas ambiguidades produzidas pela relação da vida comunitária do clube, emocional do torcedor e dos negócios. Não adianta dizer: “não, eu vou escapar disso profissionalizando completamente”. Deste modo se eliminaria a dimensão emocional e isto acaba com o esporte. É preciso preservar a dimensão esportiva e afetiva do futebol.

***Embora não tenha desenvolvido carreira administrativa e política no clube, como normalmente ocorre nos clubes, sua presença política é anterior à sua atual condição de presidente e de certo modo foi decisiva no acordo com a Parmalat.***

Sim ela começou de maneira mais efetiva e aparente com a Parmalat. A torcida e os associados do Palmeiras se lembravam muito de mim por conta dessa parceria. Na verdade, é preciso deixar claro que ela surgiu como um acidente: não foi algo planejado. Quando eu era secretário especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda no governo Sarney (1985-87), conheci Gianni Grisendi, presidente da Parmalat no Brasil que se tornou meu amigo. Assim como eu, ele gostava muito de futebol e o time do Parma, apoiado pela empresa, estava subindo da segunda para a primeira divisão na Itália. Estava entusiasmado e disse que queria fazer alguma coisa semelhante no Brasil com o futebol, já que tinha objetivo de fazer a Parmalat, aqui ainda uma empresa pequena, crescer no país. Para isso ela pretendia fazer uma parceria com o Paulista de Jundiaí. Eu lhe disse que achava um erro, pois havia uma forte empresa de leite chamada Paulista e esse fato ia misturar os nomes e as marcas. Então sugeri o Palmeiras, mas ele respondeu que achava o clube muito complicado politicamente e ele tinha razão. Mas eu o convenci, com a ajuda do Paulo Niccoli, e fomos tratar do assunto com o presidente Carlos Fachina. O Palmeiras estava sem ganhar título há dezesseis anos e, consequentemente, perdendo torcida e importância. Então ele nos ouviu com atenção e, claro, se interessou encaminhando a questão politicamente dentro do clube.

***Mesmo que tenha surgido como uma contingência, você teve papel central nesse processo. Com a distância do tempo, qual avaliação que tem dessa parceria?***

Essa relação da Parmalat com o marketing esportivo é considerada até hoje um caso de sucesso no mundo inteiro. Do ponto de vista mercadológico, foi um fenômeno. O faturamento da empresa cresceu assustadoramente e todos os estudos mostraram que a associação da marca comercial com a marca de um grande clube foi espantosamente bem-sucedida. Pesquisas feitas pelo Brunoro



a respeito dos consumidores indicaram que a rejeição aos produtos da empresa era muito baixa; três por cento apenas. Provavelmente, a maioria deles era composta de homens que associavam a marca ao time e se recusavam a comprar. As pesquisas mostravam que havia uma associação positiva entre o esporte, a marca e a empresa que patrocina o esporte. Tanto isso é verdade que nos *recalls* de marcas que patrocinam futebol hoje, a Parmalat ainda é citada como marca que continua patrocinando futebol.

### ***E do ponto de vista do clube e do time de futebol?***

Eu diria que do ponto de vista do clube e do Palmeiras como instituição esportiva, a relação não foi boa. Para mim o Palmeiras saiu pior dessa experiência com a Parmalat do que quando entrou, apesar da crise que vivia à época, como já salientei. Creio que os dirigentes do clube não tiveram capacidade e competência para aproveitá-la como deveriam no sentido de desenvolver profissionalmente o clube de futebol. Com as vitórias, o clube começou a se fechar dentro dele mesmo. Aquele grupo que controlava o clube ficou cada vez mais encastelado em si mesmo, com medo de qualquer coisa que viesse de fora.

### ***Tendo em vista essa experiência anterior, o que pode nos dizer sobre a política e o projeto desenvolvido com a Traffic?***

Tem vantagens e desvantagens bem evidentes. A vantagem tem a ver com esse momento de transição em que os clubes absolutamente não dispõem de recursos para adquirir jogadores. Se não fosse a Traffic, o Palmeiras não teria condições de montar um bom elenco como o de 2009. A desvantagem são os conflitos entre o objetivo esportivo do clube e o interesse exclusivamente financeiro da empresa. A ela interessa apenas usar o clube de renome, pois não adianta para ela colocar o jogador no Desportivo Brasil (aliás, clube que é propriedade dela). O time grande oferece a eles uma grande vantagem, que é a vitrine para o jogador aparecer. O Clayton Xavier, por exemplo, já era um jogador muito bom no Figueirense, mas somente se tornou conhecido no Palmeiras. Nós sabemos que há um conflito que é produto das questões que discutimos antes: eu, como torcedor, quero ser campeão, ele quer ganhar dinheiro com jogador. De qualquer modo, é possível chegar a uma posição intermediária. Em 2009, quando eles receberam propostas por alguns jogadores, eu disse ao J. Havila que não seria interessante para ele e era indesejável para o Palmeiras vender jogador quando o time estava bem e disputando títulos. Ele concordou e os jogadores permaneceram. Mas é preciso levar em conta que o mercado também não estava favorável a ele.

***Aqui creio que se apresenta um problema central que são as relações com os empresários e agentes da Fifa. Eles entraram na brecha do fim do passe sem que os clubes soubessem o que fazer e ocuparam esse espaço de maneira desmedida.***

Quando acabou o passe, separaram-se os direitos federativos que permanecem do clube, dos direitos econômicos. Esse foi o inconveniente da lei que está aí. Sempre achei a antiga lei do passe uma servidão, mas substituímos por uma coisa que ficou pior, que gerou essa dependência estreita do jogador ao empresário. Nós temos que ter a capacidade de fazer a crítica das nossas ideias. Lutamos por uma coisa com uma intenção e ela não deu certo: temos que tentar corrigir. Tem que dar mais poder ao clube neste processo, pois, como já disse, ele defende mais o esporte, ao passo que o empresário defende muito mais o mercado e o lucro nas transações. Isso criou uma distorção e o clube perdeu importância. Na Europa, tem jogador com tanto distanciamento em relação ao clube em que joga que ele acha que está acima dele. E isso é muito ruim, porque o futebol é um esporte coletivo, tem esse significado desde sempre. Creio que uma alternativa são os contratos mais longos para impedir que os caras venham aqui e furem nossos jovens jogadores ou fatiem seus direitos econômicos. A Fifa está preocupada com isso também: desde as questões dos jovens na base até as relações comerciais. Foi determinado, p. ex., que agora toda transação comercial será eletrônica para dificultar a lavagem de dinheiro e o conhecido “por fora”.

***Retornando à questão da sobrevivência dos clubes, qual é atualmente o papel dos patrocínios diretos na saúde financeira dos times?***

Os patrocínios melhoraram muito, e isto é visível em diversos clubes. Mas vou me restringir ao caso do Palmeiras como exemplo. Antes, a Pirelli pagava apenas seis milhões pelo patrocínio na camisa do time. Hoje, a Samsung paga quinze milhões pela camisa e tem contrato de quarenta e cinco milhões no total com o clube. A Adidas pagava para o Palmeiras três milhões, três anos atrás, agora ela paga nove milhões e meio. O Palmeiras recebia vinte e um milhões da Rede Globo pelas transmissões pela TV: hoje recebe em torno de trinta e três milhões e isso está relacionado com a subida nos pagamentos de *payperview*. Mas o torcedor só compra *payperview* se o time vai bem. Até as rendas do Palmeiras melhoraram. A torcida reclama muito do preço do ingresso: nós fazemos o possível para não esfolar muito o torcedor. Se há poucos jogos na semana é possível subir um pouco o ingresso; se o time joga mais vezes baixamos o preço. Então, subiu muito o faturamento dos clubes de maneira geral.

***Mas ultimamente têm ocorrido mudanças na compra de ingresso – como por meio do cartão de crédito – que tem consequentemente mudado um pouco o perfil da torcida. Há uma política voltada para a elitização da plateia do futebol?***

Eu creio que vai acabar a entrada física, com papel, nos estádios. Isso vai minimizar as fraudes e os cambistas. Esse é um bom progresso tecnológico. Numa situação ideal, o torcedor vai para fila com o seu cartão, passa lá, entra e acabou. E tem que ampliar a oferta de lugares de venda para além do estádio. Mas o torcedor está habituado a comprar o ingresso no dia do jogo; com o cartão, esse esforço será minimizado e facilitado. Nós vamos democratizar isso e igualar todo mundo. Todo mundo vai ter chance de comprar nas mesmas condições. Agora, se há elitização? Hoje em dia na Europa o futebol é um espetáculo das classes mais abastadas. O povão assiste no *payperview*, porque é mais barato. A diferença é que lá a desigualdade de renda é muito menor. Além disso, retornamos à questão do financiamento dos clubes: lá eles podem depender menos da renda do jogo e deixar alguns ingressos mais baratos. Aqui não conseguimos fechar a conta.

***As tensões entre essas necessidades racionalizadoras e as emoções contidas na rivalidade torcedora entre os times não podem atrapalhar essas ações e negociações conjuntas entre os clubes?***

Mas isso mudou e melhorou muito. O pessoal acabou se dando conta que a rivalidade no campo é uma coisa e que não deve atrapalhar a possibilidade de ganharmos dinheiro juntos. Em São Paulo, formamos o G4 que reúne os quatro grandes clubes do Estado, para exatamente fazer ações conjuntas independentes dos interesses individuais de cada clube.

***Mas, no caso do Clube dos 13, as tensões resultantes das rivalidades ocorrem de maneira muito evidente!***

De fato. Quem negocia os contratos de televisão do Campeonato Brasileiro é o Clube dos 13 e foram estipuladas algumas faixas de remuneração pelos direitos de transmissão que geram tensão, além das disputas políticas naturais. Tem cinco clubes que recebem mais: Corinthians, São Paulo, Flamengo, Palmeiras e Vasco. Depois tem uma faixa intermediária e a dos clubes menos qualificados. Isso estabelece uma distribuição muito desigual de valores que precisaria ser corrigida de alguma maneira. Entre os clubes que pertencem à Uefa há também diferenças, pois não se paga a mesma coisa para o Real Madrid e para o CSKA. Mas a distribuição é muito menos desigual. De qualquer modo, nos últimos anos, o faturamento com televisão passou de oito milhões para quinhentos milhões,

o que é uma subida considerável. E isso ocorreu porque houve a negociação conjunta que eu julgo como sendo melhor do que as individuais.

***Além dessas formas de financiar o futebol, outra possibilidade criada no Palmeiras foi a polêmica criação da “cesta de atletas”. Ela funcionou e como fica a situação do ponto de vista ético já que o jogador vira uma mercadoria?***

Era exatamente uma sociedade com cotas de participação como ocorre em qualquer empresa. Agora, do ponto de vista ético, eu não acho bom que o jogador vire uma mercadoria. O problema é que, do ponto de vista universal concreto do capitalismo, ele vira. A cesta foi uma forma de arrecadarmos em uma conjuntura específica. A cesta conseguiu reunir dois milhões e trezentos mil reais. Esse era o limite: acima dele eu teria que tornar público o fundo e a CBM certamente faria exigências que não valeria a pena cumprir. Nós tivemos várias reuniões com a CBM. Foi uma solução de emergência porque não tínhamos recursos para renovar o time. Isso foi concebido antes da relação com a Traffic. Ela, aliás, se inspirou no fundo para fazer o fundo dela. O fundo da Traffic é exatamente uma sociedade em cotas de participação, exatamente igual ao que nós fizemos. Só que o fundo da Traffic tem setenta milhões e o nosso tinha dois milhões e trezentos mil.

***Outra questão chave e polêmica na atual administração do futebol é a mudança do calendário brasileiro, ajustado ao calendário europeu. Como avalia a questão?***

Já ouvi muitos argumentos, a favor e contra. Um dos problemas é o seguinte: disputar pelo menos metade do Campeonato Brasileiro, em pleno verão, em péssimas condições climáticas para o esporte. É um argumento que a gente não pode deixar de considerar e que eles levam em conta na Europa. Mas o problema real não é do calendário: é a tal da janela de transferência que incomoda. Essa janela de julho/agosto é mortal para os times brasileiros porque é o período em que ocorrem as transações em número maior e em valor maior. Times são desmontados todos os anos no meio do campeonato. Isso é ruim para todo mundo: televisão, clubes, torcedores. Por outro lado, os europeus começaram também a ficar incomodados, mas por outros motivos. Eles estão preocupadíssimos com essa questão da desnacionalização do futebol e com os efeitos que isso tem sobre os times locais e as seleções nacionais. Times inteiros na Itália e Inglaterra são compostos por estrangeiros. Por causa disso, o futebol inglês mudou totalmente de estilo depois que ele se desnacionalizou.

***Mas o problema da janela e da exportação de jogadores não está, por sua vez, relacionada com a tensão gerada pelos interesses econômicos e a ação desenfreada dos empresários, como já comentamos anteriormente?***

Sim. E os clubes europeus atualmente estão muito preocupados com isso tudo. Por exemplo, a propriedade estrangeira dos clubes ingleses e a lavagem de dinheiro preocupam muito. Tanto é que, como já disse, criaram um sistema de transação eletrônica para evitar que ocorram episódios já conhecidos de lavagem. Do ponto de vista macroeconômico, eu diria que vivemos um período em que o futebol em geral, e o europeu em particular, saiu de uma bolha financeira de preço, de valores e transações com dinheiro ilegal. O dinheiro dos clubes ingleses é produto da privatização soviética. Aquele pessoal ficou rico e colocou dinheiro nos clubes. Além disso, investidores norte-americanos sem nenhuma tradição no esporte são proprietários de times de futebol na Europa. Acontece que todo mundo está vendo esse modelo se desfazendo. Se levar ao limite, quebra. Na Inglaterra já está ocorrendo isso. Então, os europeus voltaram com o discurso de fazer com que o futebol retorne um pouco à sua função social original, vinculado ao exercício da cidadania. Tanto que eles têm falado muito da responsabilidade social: a Uefa e o Platini têm insistido nessa tecla. Não creio que a questão vai ser resolvida no curto prazo. Mas vai ter uma atenuação desse excesso de “mercadismo” no futebol. Talvez seja o caso de retroceder um pouco, regulamentar melhor esse mercado. O projeto europeu é introduzir o que eles chamam de “*fair play* financeiro” que passa pela organização e respeito dos orçamentos; que haja licenciamentos de acordo com a capacidade de cumprir os orçamentos. Ou seja, quem não apresenta condições exigidas de rigidez financeira e de gestão, pode ser excluído, ou pode perder pontos e ser desclassificado do campeonato. Mas no Brasil nós ainda estamos muito distantes mesmo da discussão.

***Talvez aqui possamos retornar também a algumas discussões que se apresentavam nas décadas de 1950 e 1960 em torno da dependência estrutural das economias periféricas em relação às economias centrais. De certa maneira, os clubes brasileiros e latino-americanos não são periféricos neste processo? E voltamos também à antiga questão de como podemos superar essa relação de dependência estrutural num projeto mais global?***

Muito bem colocado. Existe realmente essa relação centro - periferia no futebol. Muito claramente nós somos exportadores de jogadores como nós éramos exportadores de bens primários. Hoje, como naquela época, vai depender muito da nossa capacidade política de inverter essa relação na Fifa. A propósito disso, é curioso o diálogo que tive com um dirigente da Fifa em reunião recente. Ele

dizia o seguinte: “Nós precisamos manter o caráter universal do futebol. Mas os clubes europeus ficam falando essas coisas pra vocês porque eles querem manter a supremacia”. Eu respondi: “Não precisa me contar isso porque tenho quarenta anos de teoria da independência”. Agora, como vamos tomar as medidas concretas em relação a isso? Hoje nós temos mais espaço político na Fifa que podemos utilizar. E também precisamos nos mexer internamente: mexer na janela, na legislação. Mas há também outra questão interna que precisamos resolver: há uma distância muito grande entre o que o futebol brasileiro representa em termos técnicos e o que ele significa em termos econômicos e políticos. Por exemplo, não podemos comparar a economia brasileira com a da Turquia. Eles têm uma economia muito mais frágil que a brasileira. No entanto, a Turquia consegue levar jogador. Tem alguma coisa errada que é a mentalidade econômica e financeira dos clubes brasileiros, que não acompanhou a mudança nos mercados. Precisamos reequilibrar esse jogo interno. E, nesse sentido, são muito importantes as questões que acabamos de discutir em torno dos patrocinadores, contratos de televisão etc.

***Você falou também no discurso em torno da responsabilidade social que existe atualmente entre dirigentes europeus. Além dessa dimensão da viabilidade econômica dos clubes e campeonatos, há a questão cultural, política, pública do esporte e do futebol.***

O projeto europeu de qualificação da juventude trata justamente disso. No Brasil, é uma causa completamente ausente. O máximo que se exige por aqui, e por causa do Estatuto do Menor e do Adolescente, é que ele frequente a escola ao mesmo tempo em que está jogando nas divisões de base. Mas, do ponto de vista cultural, é tudo muito pobre. Jovens jogadores saem daqui para jogar no exterior e sofrem todo tipo de dificuldade, pois não têm apoio, informação cultural suficiente. Estamos fazendo um convênio com as Nações Unidas para definir programas de formação cultural dos jogadores de futebol das divisões de base. A resistência é do clube e também dos próprios jogadores. Eles só se preocupam com as especializações profissionais, muito avançadas atualmente. A cultura do meio futebolístico não valoriza nada além disso. É preciso formar melhor o cidadão na evolução de sua carreira e para quando ele parar. O fim da carreira é traumático para o jogador. A vida no futebol, nesse particular, é muito perversa. Absorve o sujeito durante 10-15 anos e depois o descarta ainda jovem para a vida comum. Não há preparação para essa mudança brusca e nem ao menos sistema previdenciário para o jogador. Seria preciso montar e envolver clubes e também o Estado. Alguns conseguem seguir outra carreira, ainda que dentro do futebol, mas grande parte não consegue. É muito melancólico e pouca gente pensa nisso.

***Nesse sentido, além de esquecer seus “velhos jogadores”, os clubes valorizam muito pouco o seu passado.***

Acho esse um problema importante. Os clubes brasileiros valorizam pouco o seu passado e a sua história. Muito pouco. Na Europa é diferente: existe respeito e reverência pelo ex-atleta vitorioso. Em Florença, p. ex., todo mundo sabe quem foi o Julinho [Botelho]: tem foto em restaurante, referência no clube etc. O Luís Pereira está trabalhando no Atlético de Madrid. Mas aqui poucos se lembram dos ex-jogadores e os clubes pouco valorizam suas histórias. Eu acho que a relação dos clubes com os seus ex-ídolos é em geral muito ruim.

***E a realização da Copa do Mundo em 2014 pode ser um fator de modernização do futebol no país? O quadro da infraestrutura e dos estádios ainda é muito precário.***

Acho que, infelizmente, a organização da Copa do Mundo no Brasil passará ainda por muitas dificuldades. Tem problema com a segurança, com os aeroportos que se potencializam por causa das distâncias existentes no país. Imaginemos a Alemanha jogando no Rio Grande do Sul, com cerca de trinta mil torcedores alemães assistindo a Seleção, mas tem que fazer uma segunda etapa em Cuiabá, p. ex. Como faremos para transportar toda essa gente com segurança e rapidez, alojar em hotéis? Em países menores e com rede ferroviária estruturada, como na Alemanha, a circulação é feita com facilidade. E vamos construir estádios em Brasília, Manaus, Cuiabá, e o que vamos fazer com eles depois que terminar a Copa? E como será o financiamento deles, via BNDES mesmo? Apesar do discurso geral, acho irrealista supor que vamos fazer uma Copa do Mundo sem dinheiro público. Em nenhum lugar foi assim: nem no Japão ou Alemanha. E aqui os estádios privados são poucos; a maioria é de públicos. É uma ilusão achar que não vai ter dinheiro público. Aqui em São Paulo, o futuro estádio multiuso do Palmeiras vai atender todas as especificações da Fifa, mas em nenhum momento quis se colocar como candidato, pois terá apenas quarenta e cinco mil espectadores. Um estádio de sessenta mil pessoas não fica de pé economicamente. Mas, se a CBF fizer jogos da Seleção da Itália em São Paulo, ele pode ser candidato natural a receber um ou dois jogos.

***E a autonomia política e administrativa exigida pela Fifa não é geralmente descabida, interferindo mesmo na vida do país?***

Em minha opinião as exigências da Fifa são frequentemente exageradas em todos os sentidos. Veja no caso específico do Morumbi: as determinações foram

exageradas, exigindo investimento que os clubes privados brasileiros não têm condições de fazer sozinhos. De maneira geral, frequentemente a Fifa se coloca acima até das leis do Estado e isso cria desconforto. A União Europeia tem mostrado muita insatisfação com isso, pois essa posição da entidade interfere na soberania dos países e na europeia. Mas creio que estamos em uma fase de transição nessas regras que está relacionada também com as mudanças da geopolítica internacional que, depois da última crise internacional, apresenta novos atores e obriga novas relações.

***Infelizmente chegamos ao final de nossa conversa e ainda restaram diversas questões a serem colocadas. Gostaríamos muito de agradecer sua presença aqui no nosso Departamento de História e sua disponibilidade e paciência em nos atender.***

Eu que quero agradecer a paciência de vocês em ouvir durante todo esse tempo e espero que possam tirar utilidade acadêmica dessa nossa discussão. Pretendi ser, dentro das minhas limitações, o mais claro possível. Mas existem certas questões sobre as quais não é tão fácil ser claro ou incisivo, já que eu mesmo ainda não tenho tanta clareza.